

Figurinos e Figurinistas no Cinema em Portugal
Conceitos para novas materialidades

Prefácio

É conhecida a expressão de Manoel de Oliveira que caracteriza o cinema como “fantasma da matéria”. A Sétima Arte vive de uma espécie de permanente tensão entre a abstracção e a concretude, entre o inefável e o material. Pasolini dizia, por seu turno, que o cinema capta os “índices sensíveis” do real, sublinhando, assim, que o ponto de partida de um filme não podia deixar de ser o domínio do perceptual, daquela dimensão da realidade que é veiculada pelos sentidos. Mas existe um outro nível de materialidade, no cinema, que tem que ver com a própria natureza de “artefacto” que caracteriza cada filme enquanto objecto físico, e que solicita atenção às técnicas e às práticas envolvidas na sua criação. Afirmar isto não significa esquecer que, enquanto específica forma de expressão, o cinema, arte da luz e da sombra, é imaterial, nem que o efeito dessa sua ontologia cria e comunica universos marcadamente oníricos ou mesmo “espectrais”.

Durante bastante tempo a teoria e a história da Sétima Arte preocuparam-se sobretudo com o cinema como linguagem ou como objecto estético, ou privile-

giaram o conhecimento das suas componentes e condições formais, sem no entanto chegarem a investigar a fundo os elementos materiais que o constituem. São relativamente recentes os estudos sobre a materialidade do cinema, que têm vindo a chamar a atenção para o múltiplo e complexo aparato físico que subjaz à criação cinematográfica, desde a própria película, à iluminação e à fotografia, bem como aos elementos sonoros – voz, ruídos, música – aos espaços e dispositivos de exibição, à *mise-en-scène*, aos vários suportes e instrumentos, entre muitos outros. Focar este conjunto de elementos, tantas vezes esquecidos ou ignorados, permite aprofundar as implicações estéticas, significativas e simbólicas que, de forma mais directa ou mais implícita, eles conferem a cada obra fílmica. É dentro desse âmbito que grande parte da investigação pioneira de Caterina Cucinotta se situa, sendo o seu trabalho sobre os figurinos no cinema uma das muitas linhas de desenvolvimento possíveis e necessárias no vasto universo da materialidade fílmica.

Em Portugal a consciência do valor do figurino fílmico e o seu resgate de uma dimensão subalterna e “amadora”, sob a simples designação de “guarda-roupa”, teve dificuldade em emergir. Embora envolvendo relações múltiplas com o universo da moda e da chamada “Fashion Theory”, bem como do design, o estudo do figurino fílmico insere-se indubitavelmente no campo da teoria do cinema e contribui para a compreensão do fenómeno cinematográfico no seu todo.

O conjunto de ensaios que aqui se apresenta procura responder a uma evidente lacuna no panorama nacional, oferecendo, assim, um específico contributo para os estudos fílmicos em geral e para a teoria e história do cinema português em particular. Usando o formato do “case study” e apoiando-se em diversas metodologias (desde a perspectiva semiótica à histórica, da crítica genética ao enfoque no processo criativo) Cucinotta analisa sumariamente uma série de filmes portugueses de diferentes autores e épocas, em busca das implicações significativas que o vestuário desempenha em cada filme, na sua relação com os movimentos e os gestos, mesmo quando a sua presença é quase imperceptível. Lembrando o conceito de António Reis acerca da “estética dos materiais”, Catarina Cucinotta convoca o leitor à descoberta de novos significados, fazendo deter o seu olhar em materiais, roupas, formas e cores que, como uma espécie de “arquitectura” subliminar, definem espaços e criam mundos e atmosferas, interagindo de forma fecunda com os outros vectores que constituem a unidade do filme e testemunhando a dimensão colectiva do próprio cinema.

O vestuário revela-se, assim, não apenas o veículo de uma identidade ou de uma época, mas também o elemento de definição de um carácter ou de um certo tipo de atitude, a forma visível de um estado de alma, o atenuar ou reforçar de um drama. Estudar esta dimensão fílmica significa aprofundar a grande pergunta que se coloca inevitavelmente perante o fenómeno cinematográfico.

gráfico: como é que o físico (o corpo, a matéria, a textura) pode exprimir o abstracto, o inefável, o espiritual? Ler “Figurinos e Figurinistas no Cinema em Portugal: conceitos para novas materialidades” é seguir o trilho de algumas pistas possíveis, em busca dos vestígios de presenças concretas cujos efeitos fantasmáticos habitam ainda o mundo de sombras e luz que se projecta diante dos nossos olhos.

Maria do Rosário Lupi Bello